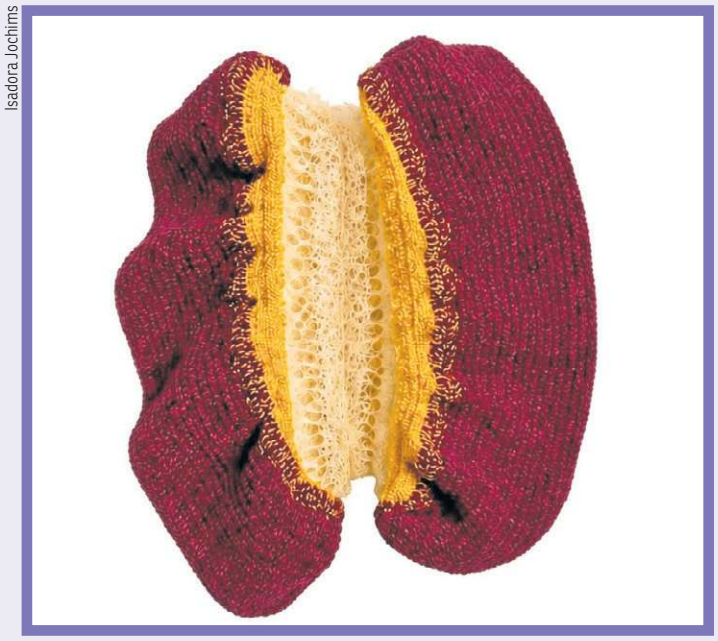
ISADORA JOCHIMS



Os crochês de Isadora Jochims trazem inquietações científicas

Isadora Jochims



Isadora Jochims traz para as peças uma perspectiva feminina

SUYAN DE MATTOS



Suyan de Mattos retoma seu alter ego JupYra nas peças da exposição

ENTREVISTA//ISADORA JOCHIMS

Como a obra de Bosch dialoga com sua pesquisa?

Meu diálogo com Bosch parte de uma tentativa de investigar como diferentes épocas constroem imagens para explicar o desconhecido. E, sobretudo, de questionar quem produz essas imagens, quais corpos são transformados em objetos de conhecimento e quais histórias permanecem invisíveis nessas narrativas. Me interessa especialmente essa contradição: corpos femininos historicamente associados ao pecado, à doença ou à monstruosidade que também foram fundamentais para a construção de imagens e conhecimentos sobre a vida. Tanto nas fotografias da Salpêtrière quanto na história de Henrietta Lacks, existe uma tensão entre a produção do conhecimento científico e a autonomia das mulheres sobre seus próprios corpos e suas imagens.

Como o bordado e o crochê dialogam com a dinâmica de *O jardim das delícias terrenas*?

O bordado e o crochê são técnicas historicamente associadas ao universo doméstico, ao trabalho feminino e à transmissão de conhecimentos entre gerações. Ao trazê-las para a arte contemporânea, também deslocamos essas práticas para outros campos de significado. No meu trabalho, o crochê se aproxima da ideia de crescimento orgânico, de proliferação e de transformação dos corpos. É uma técnica construída pela repetição de pequenos gestos, em que uma estrutura vai se formando progressivamente, quase como um organismo vivo. Já o bordado permite inscrever imagens e experiências sobre a superfície do tecido. Na série Lunáticas, por exemplo, utilizo o bordado para aproximar a experiência íntima do parto das imagens da superfície lunar. Existe também uma dimensão importante da materialidade. Trabalho com bucha vegetal, chifres, tecidos e outros elementos que, combinados, produzem formas ao mesmo tempo familiares e estranhas.

ENTREVISTA//SUYAN DE MATTOS

O que você levou de Bosch para o trabalho?

Eu parti das formas do jardim e fui transformando cada uma pelo modo como imaginava que JupYra se veria ali. Quis manter o jardim como ponto de partida e mudar a maneira de habitá-lo. JupYra tem várias formas, inclusive formas que não são corporais. Se eu escolhesse uma delas para inseri-la na composição, acabaria fixando sua imagem e acrescentando uma figura ao jardim. Preferi marcar sua presença com três carimbos em cada obra: "JupYra está aqui", "JupYra esteve aqui", "JupYra estará aqui". A passagem do presente para o passado, e a ida para o futuro faz dela uma presença que o público percebe sem precisar identificar uma figura.

Como o seu bordado retoma a dinâmica de *O jardim das delícias terrenas*?

Em Bosch, o olhar vai de um detalhe a outro e, quando volta a uma forma, pode enxergar algo diferente do que viu da primeira vez. O bordado retoma esse movimento na superfície do tecido. De perto, o público acompanha a direção dos fios, percebe as texturas e encontra os carimbos de JupYra. No crochê de Isadora, esse movimento acontece também no espaço. Conforme o público muda de posição, uma forma pode lembrar uma planta, um órgão ou uma criatura. Essa passagem entre o que parece familiar e o que a gente não consegue nomear me interessa muito. É onde o prazer de olhar, tão presente no jardim de Bosch, também produz estranhamento.